



Ressignificando a prática: o diário reflexivo na formação de professores em Matemática

Elizabeth Carvalho **Pires**

Departamento de Formação da Secretaria Municipal de Educação de São Vicente
Brasil

belcapires@uol.com.br

Marina Pereira **Reis**

Departamento de Formação da Secretaria Municipal de Educação de São Vicente
Brasil

marina-reis@usp.br

Paula Massae **Ikedo** da Silva

Departamento de Formação da Secretaria Municipal de Educação de São Vicente
Brasil

paulamassae@hotmail.com

Resumo

Este documento descreve parte de uma formação em Matemática para professores do Ciclo de Alfabetização – 1º ao 3º anos do ensino fundamental – da rede municipal de educação de São Vicente/SP e tem por finalidade expor algumas experiências que, desde o início deste ano, vêm sendo desenvolvidas no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), instituído pelo Ministério da Educação do governo brasileiro em 2012, envolvendo um grupo de noventa professores alfabetizadores. Os resultados preliminares da pesquisa retratam as ações desenvolvidas com esse grupo de alfabetizadores sob a perspectiva da ação-reflexão-ação (Schön, 1992), que implica em uma prática reflexiva sobre e na ação, que tem influenciado na atuação docente de modo qualitativo no momento em que os professores têm se permitido rever ou, ao menos, discutir as suas práticas no sentido de promover a aprendizagem dos seus alunos. A pesquisa ainda está em andamento.

Palavras chave: formação continuada de professores, alfabetização matemática e letramento, reflexão crítica, diário reflexivo, observação de aula, prática pedagógica.

Introdução

No ano de 2014 teve início a formação continuada em Matemática para professores do Ciclo de Alfabetização – 1º ao 3º anos do ensino fundamental – da rede municipal de educação de São Vicente/SP, sendo estruturada com base no programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), instituído pelo Ministério da Educação do governo brasileiro em 2012. O PNAIC/Matemática tem como objetivo principal ampliar as reflexões das práticas e experiências dos professores, auxiliando-os na tarefa de conquistar a Alfabetização Matemática, na perspectiva do letramento, de todas as crianças brasileiras. E, para isso, o programa instituiu quatro eixos de atuação: “[...] formação continuada presencial para os professores alfabetizadores e seus orientadores de estudo; materiais didáticos, obras literárias, obras de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais; avaliações sistemáticas; gestão, controle social e mobilização” (PNAIC, 2012, p.5).

As ações estabelecidas pelo programa têm como foco principal a formação continuada do professor formador (orientador de estudo) e do professor alfabetizador, visto que essa formação vem sendo amplamente discutida como uma das principais vias de acesso à melhoria da qualidade de ensino, como também dos índices verificados nos exames nacionais que têm revelado grandes defasagens nas competências matemáticas com ênfase na leitura, interpretação e resolução de problemas.

Nesta pesquisa, as ações que visam auxiliar na busca de possíveis respostas a essas questões são: dialogar com os professores quanto aos seus anseios relacionados ao ensino da Matemática; abordar o registro, através da escrita autobiográfica como forma de autoconhecimento em relação à sua aprendizagem e experiência com o ensino da Matemática; potencializar os processos reflexivos sobre a prática docente, através do estudo do diário reflexivo, permitindo a reconstrução de diferentes sentidos para a ação pedagógica.

Quando se trata de desenvolver capacidades matemáticas, as referências históricas e educacionais desse ensino retratam uma prática embasada em teorias e procedimentos mecânicos, o que demonstra a necessidade da reflexão sobre esses saberes enraizados nas salas de aulas dos alfabetizadores, visto que é no ciclo de alfabetização que se encontra a base para a aprendizagem das competências matemáticas para os demais níveis de ensino.

Nesse sentido, Curi (2000) afirma que em cursos de Pedagogia raramente são privilegiadas as disciplinas voltadas ao ensino da Matemática o que contribui para que muitos tenham aversão e/ou dificuldades com a mesma, contribuindo para que enfatizem em suas práticas educacionais o estudo da Língua Portuguesa, deixando e até mesmo, muitas vezes, privando os alunos de se apropriarem de um conhecimento adequado daquela disciplina.

Consequentemente se faz necessário um ir e vir na formação dos professores refletindo a prática com base na teoria. A formação continuada visa buscar esse equilíbrio. Segundo Imbernón (2010), deve acontecer um equilíbrio tanto na formação inicial como na continuada e “a solução está em potencializar uma nova cultura formadora, que gere novos processos na teoria e na prática de formação, introduzindo-nos em novas perspectivas e metodologias” (p.40).

Sendo assim, a pesquisa busca investigar e refletir sobre o contexto do ensino da disciplina, relatando os desafios dos professores ensinarem aquilo que nem sempre aprenderam e o que isso tem acarretado em sua prática escolar no sentido de transpor os conhecimentos recebidos na

formação. Para essa pesquisa será utilizado como instrumento o “Diário Reflexivo” que tem por finalidade desencadear a reflexão dos docentes perante a sua prática e a dos demais pares e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento profissional.

Revisão e Fundamentação Teórica

O conceito de diário para a referida pesquisa foi baseado em Zabalza (2004), Liberali (1999), Mendes (2009) e Alarcão (2011). Para definição do termo buscou-se o conceito do gênero segundo Schneuwly e Dolz (citado em Cereja, 2005), em que se caracteriza como um texto no qual temos a oportunidade de registrar ideias, opiniões acerca da realidade que nos cerca, expressar sentimentos de uma maneira geral, bem como registrar fatos ocorridos no cotidiano. Segundo Liberali (1999), o diário num âmbito geral pode ser considerado como documento que estimula elevados graus de pensamento e uma crescente conscientização sobre os valores pessoais e as teorias implícitas nas ações dos praticantes.

O professor, ao escrever sobre sua prática cria um procedimento excelente para se conscientizar sobre a rotina educacional. É uma forma de distanciamento reflexivo que permite ver em perspectiva o próprio modo de atuar.

Em conjunto com o diário reflexivo optamos em trabalhar a “observação de aula” que contribui para analisar as diferentes maneiras do ofício docente com vistas a colaborar para a sua prática, além de exibir outros aspectos relevantes e, sem dúvida, importantes para as pautas de formação. Para um enriquecimento nas ações de formação optamos incluir a observação das atividades realizadas pelos professores com as crianças, pois percebemos algumas dificuldades em transpor aquilo que é discutido e analisado durante os encontros de formação com os mesmos, além disso, é um recurso essencial para tematizar à prática dos docentes e trazer a discussão e reflexão em conjunto. Para Martins (2009) e Estrela (1994), por sua própria especificidade, essa estratégia é a que mais dados fornece para a intervenção junto ao docente, pois nela não se verifica o desenvolvimento do trabalho exclusivamente no plano do discurso falado ou escrito, mas essencialmente nas interações, atitudes, valores, objetivos e intervenções, tendo, por isso, um papel fundamental no processo de transformação das práticas.

A vivência desse processo de observação das diversas situações educativas oportuniza ao formador ter subsídios fundamentados para que possa intervir no real modo de atuação do professor, pois saberá observar e problematizar, ou seja, interrogar a realidade e construir hipóteses explicativas sobre ela. Essa estratégia demonstra que no processo educativo pode haver uma parte de imprevisto, mesmo que nas ações planejadas que de acordo com Martins (2009) são constituintes da relação de ensino e aprendizagem. A observação em sala tornou-se também um importante momento de avaliação do alcance do processo de formação, dado que possibilita fazer uma leitura das possíveis transformações já ocorridas, ou não, na prática até aquele momento e também conhecer a evolução individual sofrida nesse período. A problematização do real permite, tanto ao educador quanto ao formador, refletir criticamente sobre as suas ações, na qual Liberali (2008) destaca que a reflexão crítica em um sentido amplo é uma tomada de consciência, exame, análise dos fundamentos ou das razões de algo.

Ao observar a ação docente devemos rever a ação de uma maneira que permita descrever, informar, confrontar e reconstruir as práticas educativas. Essas ações ocorrem de forma completa

e entrelaçada nos processos de reflexão, mas didaticamente, Liberali (2008) opta por tratá-las separadamente para que possamos entender melhor seu papel no processo reflexivo e suas características específicas. Saber observar o que passa no cotidiano escolar é fundamental para as relações interpessoais e estabelecimento de uma reflexão crítica a respeito da prática pedagógica desenvolvida. Para além, ou melhor, em complementaridade com a nossa pesquisa escolhemos como estratégias observar as práticas em salas de aula, o narrar individual e coletivo de todos os professores e o registro nos diários reflexivos como propostas metodológicas para que possamos em conjunto, formadores e professores, refletir criticamente sobre a própria prática dentro de um processo de formação. Segundo Alarcão (2011), para que a dimensão formadora atinja um alto grau formativo e um valor epistêmico, resultando em aquisição de conhecimentos a disponibilizar em situações futuras, importa que esse processo seja acompanhado por uma metarreflexão sistematizadora das aprendizagens ocorridas. Além disso, Mendes (2009) reafirma em seus estudos que é mediante um processo reflexivo e investigativo, mediado por aportes teóricos, que o professor se forma e se constitui profissional, sendo esse um processo sempre inacabado.

Natureza do estudo e fundamentos metodológicos

Com o propósito de alcançarmos os objetivos do programa de formação, planejamos os encontros com os professores alfabetizadores inscritos no PNAIC¹ durante o ano letivo de 2014, que se tornaram, desde então, bolsistas junto ao Ministério da Educação. A carga horária para o desenvolvimento dos conteúdos e atividades previstos é de 160 horas-aula no contraturno de trabalho dos alfabetizadores. Como nem todos os professores desse segmento de ensino conseguem comparecer aos encontros, o total de inscrições recebidas não corresponde ao total de professores alfabetizadores da rede municipal, ou seja, temos noventa inscritos no programa para cerca de quatrocentos e cinquenta em exercício na função. Sendo assim, como citado anteriormente, essa pesquisa, apesar de representativa, está se baseando num recorte desse grupo maior de alfabetizadores, como forma de facilitar o estudo e apresentar um parâmetro sobre a pesquisa que está sendo realizada.

A proposta de formação continuada tem como linhas gerais os critérios orientadores do PNAIC, porém, dadas as peculiaridades da nossa rede de ensino, o planejamento contemplou essas características e, por isso, passou por complementações a fim de atender de forma satisfatória aos nossos professores. Além das estratégias de trabalho sugeridas pelo programa, consideramos significativa a elaboração por cada um dos professores alfabetizadores do seu diário reflexivo. O diário, enquanto gênero literário, tem permitido que os professores narrem seu cotidiano de trabalho com suas dificuldades e progressos e teve início com um resgate da sua “memória matemática”, que permitiu que o mesmo recordasse como foi alfabetizado em matemática e de que forma essa aprendizagem marcou a sua vida acadêmica e profissional.

Inicialmente, da análise dessas narrativas foram percebidas questões singulares aos nossos professores que demandavam ajustes nos procedimentos metodológicos adotados até então. Vem dessa necessidade apontada por eles a adoção do uso de diários reflexivos como forma de auxiliá-los a “enxergarem”, através das suas narrativas, sua atuação na sala de aula e refletir

¹ Fonte: <http://pacto.mec.gov.br/index.php>.

sobre essa ação. Dessa reavaliação de procedimentos, os professores puderam também oferecer às formadoras um precioso material para o seu trabalho de ajustes e planejamento mais significativo dos encontros. O diário serviu como um instrumento de apoio e reflexão da prática escolar dos professores alfabetizadores no momento em que este era analisado através da leitura coletiva nos encontros e na abordagem pelas formadoras das defasagens citadas de maneira a não expor os professores ao grupo. Essa estratégia permitiu que muitos se identificassem e refletissem sobre suas ações, conforme afirma o professor F “A cada sugestão nova de como abordar alguns conteúdos é evidente a reflexão e a comparação do que você já estava fazendo. Muitas dessas sugestões nos facilita a forma de explicar de várias maneiras. E dentre essas, acaba-se percebendo que os alunos entendem melhor[...]”.

A leitura reflexiva desses diários e sua criteriosa análise nos conduziram, mais uma vez, à necessidade de complementar as nossas ações formativas como forma de atender aos “apelos” dos professores declaradamente (ou não) presentes nas narrativas dos seus diários. Dessa forma, consideramos imprescindível a organização de visitas de observação das aulas dos nossos professores alfabetizadores. Nessas observações de aulas consentidas seguimos um roteiro pré-estabelecido que tem nos permitido descrever de maneira informada (Liberali, 1999) o momento observado para, numa segunda etapa, mantermos um diálogo com o professor que lhe permitirá refletir sobre a sua atuação para reconstruir a sua prática. Essas ações da reflexão crítica (descrever, informar, confrontar e reconstruir) e as conclusões as quais elas nos conduzem nos têm permitido condutas refletidas e permanentes de ajustes e complementações no planejamento dos encontros. Algo que aconteceu e vem acontecendo de maneira a fazer os professores refletirem suas práticas a partir do coletivo, da troca entre os pares, como vemos na afirmação do professor B “[...] estes mesmos profissionais devem compartilhar com seus pares suas experiências, frustrações e medos. Isto faz com que juntos busquemos não só para nossos alunos, mas para um grupo inteiro que está em formação [...]”. Portanto, a abordagem nos encontros formativos sempre ocorre de maneira a levar o professor a dialogar e participar das atividades refletindo em sua ação escolar.

A observação das práticas em sala de aula e a comparação do que é descrito no diário reflexivo servem para evidenciar as discussões nos encontros formativos sobre as ações executadas e o que precisa ser repensado para aprimorar e/ou modificar essas ações.

Os dados da pesquisa

A pesquisa é um recorte sobre como os alfabetizadores estão correlacionando a formação continuada como professores de Matemática com a sua prática escolar. E para termos uma visão dessa situação optou-se por uma análise qualitativa sobre as suas falas através do registro no instrumento utilizado (Diário Reflexivo) e na observação das aulas. Estudos que utilizam diários podem ser considerados como “exemplos de observação participante em um grande número de pesquisas orientadas para questões envolvendo os processos de ensino e aprendizagem em sala de aula” (Bailey, 1990, p.215), na qual se pode traçar um parâmetro sobre a visão de cada professor sobre o ensino da Matemática até o momento. A pesquisa qualitativa se torna uma fonte de dados muito relevante. Como cita Moraes:

[...] a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar

hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão (2003, p.191).

Nesse sentido, para a pesquisa selecionamos, dentre os professores que estão participando da formação continuada, uma representativa amostra de seis professores. Para isso, foram estipulados alguns critérios, os quais serviram de base para a análise dos dados coletados no Diário Reflexivo e na observação das aulas.

O primeiro critério utilizado foi a entrega do diário no prazo e, dentre os noventa professores participantes da formação continuada, quarenta e dois entregaram o instrumento no período solicitado, sendo treze professores atuando no primeiro ano de escolarização, treze professores atuando no segundo ano e dezesseis atuando no terceiro ano de escolarização. A partir dessa primeira seleção, o segundo critério foi separá-los por ano de escolaridade, selecionando dois diários de cada ano, totalizando 6 alunos-professores. Essa escolha foi feita por se tratar de um grupo heterogêneo formado por alunos-professores com diferentes contextos educacionais para aprendizagem de matemática e distintas experiências no ensino de matemática, assim, suas percepções sobre o processo de ensino e aprendizagem seriam representativas e confiáveis.

Por meio dos diários, os alfabetizadores deveriam fazer uma autoavaliação de desempenho com relação ao processo de ensino e aprendizagem de Matemática, nas quais puderam falar sobre suas dúvidas, seus anseios, suas dificuldades etc. Posteriormente, esses dados foram contrastados com as opiniões apresentadas no registro sobre a prática em sala de aula e pela observação da aula feita pelas professoras formadoras.

Como no diário reflexivo cada professor teve e tem a liberdade de se expressar e narrar os acontecimentos mais relevantes sobre as premissas solicitadas, a análise desses dados segue a descrição das ideias individuais da amostra de professores selecionados:

Tabela 1

Descrição das ideias do professor A

Perfil Pessoal	Perfil Profissional do Educador	Dados da Atuação Docente
Idade: 56 anos	Formação Docente Inicial: Licenciatura em Pedagogia	Período /Ano de Escolaridade em que atua: 3º ano de escolaridade no período matutino
Sexo: feminino	Ano da Formação Inicial: 2005	
Estado civil: casada	Tipo de Estabelecimento de Formação: Particular	Quantidade de alunos na turma: 31 alunos
Cidade de Residência: São Vicente	Tempo de Atuação como Professor: 18 anos	
	Tempo de Atuação no município: 18 anos	

A professora relata em seu perfil que é apaixonada pela profissão e que está sempre buscando conhecimentos novos e por isso participa dessa formação continuada. Sua prática pedagógica é voltada para a aplicação de projetos e sequências didáticas como forma de ampliar os conhecimentos dos alunos, por entender que esses procedimentos “oportunizam uma aprendizagem significativa potencializando o desenvolvimento da leitura e escrita e possibilitando a ampliação e aquisição do campo numérico e procedimentos operatórios”.

Em relação à Matemática entende que “faz parte do cotidiano das pessoas e que nas coisas mais simples se faz uso dela”. Sua memória matemática, a princípio, revela uma empatia com a disciplina, mas com o tempo começou a achar dificuldade no entendimento da mesma, por achá-la abstrata. Apesar dessas dificuldades tem procurado, nos anos que vem atuando na profissão, realizar cursos de formação para melhorar sua prática em sala de aula a partir do momento que traz reflexões sobre possibilidades de trabalho com a disciplina através do uso de sequências didáticas, jogos e resolução de problemas e além de refletir sobre a importância da oralidade e de observar mais atentamente o modo de pensar do aluno nos diferentes modos de resolver uma situação-problema.

Tabela 2

Descrição das ideias do professor B

Perfil Pessoal	Perfil Profissional do Educador	Dados da Atuação Docente
Idade: 41 anos	Formação Docente Inicial: Licenciatura em Pedagogia	Período /Ano de Escolaridade em que atua: 1º ano de escolaridade no período vespertino
Sexo: feminino	Ano da Formação Inicial: 2001	
Estado civil: casada	Tipo de Estabelecimento de Formação: Particular	Quantidade de alunos na turma: 32 alunos
Cidade de Residência: Cubatão	Tempo de Atuação como Professor: 18 anos	
	Tempo de Atuação no município: 4 anos	

Em seu perfil a professora relata que adora a profissão e o que considera mais “mágico” do que ensinar seus alunos é aprender com eles. E que apesar de ter tido uma educação rígida não a fez desanimar e nem de oportunizar aos seus alunos atividades significativas com a Matemática. Na atividade de resgate da memória cita que teve muitas situações ruins com a disciplina como decorar a tabuada e quem não respondesse corretamente ficava com um chapéu de “burro” atrás da porta ou o uso da régua para punir quem não acertasse. E a formação continuada vem contribuindo com essa prática diferenciada a partir do momento que oportuniza a reflexão a partir do aprimoramento de conceitos.

Tabela 3

Descrição das ideias do professor C

Perfil Pessoal	Perfil Profissional do Educador	Dados da Atuação Docente
Idade: 40 anos	Formação Docente Inicial: Licenciatura em Pedagogia	Período /Ano de Escolaridade em que atua: 3º ano de escolaridade no período matutino
Sexo: feminino	Ano da Formação Inicial: 2008	
Estado civil: solteira	Tipo de Estabelecimento de Formação: Particular	Quantidade de alunos na turma: 32 alunos
Cidade de Residência: Guarujá	Tempo de Atuação como Professor: 7 anos	
	Tempo de Atuação no município: 5 anos	

A professora relata em seu diário que vivenciou os dois lados da Matemática, ou seja, passou por momentos positivos no início da escolarização quando aprendeu os conceitos sobre a

divisão, mas que também não entendia conceitos como expressões numéricas. Por vivenciar a matemática somente com conceitos e teorias cita que, com a formação continuada, vem refletindo sobre o modo diferenciado de ensinar a disciplina com o uso do lúdico nas atividades, mas que ainda tem dificuldade em aplicar essas novas estratégias com seus alunos e que sempre planejou suas aulas em conteúdos (conceitos teóricos) de modo estanque e que, atualmente, procura elaborar atividades diversificadas com o uso de jogos.

Tabela 4

Descrição das ideias do professor D

Perfil Pessoal	Perfil Profissional do Educador	Dados da Atuação Docente
Idade: 48 anos	Formação Docente Inicial: Magistério	Período /Ano de Escolaridade em que atua: 2º ano de escolaridade no período matutino
Sexo: feminino	Ano da Formação Inicial: 1988	Quantidade de alunos na turma: 26 alunos
Estado civil: divorciada	Tipo de Estabelecimento de Formação: Particular	
Cidade de Residência: Santos	Tempo de Atuação como Professor: 22 anos Tempo de Atuação no município: 15 anos	

A professora declara em seu perfil ser filha de professora e que “desde os sete anos de idade queria ser professora... Brincava de escolinha com as bonecas”. Além disso, enfatiza não possuir traumas com o ensino da Matemática durante seu tempo escolar. Segundo o seu depoimento, oito dos seus alunos possuem muitas dificuldades e, para saná-las, tem trabalhado com atividades diversificadas, inclusive nas tarefas para casa. Afirma também estar trabalhando com sequência didática envolvendo interdisciplinaridade, situações lúdicas e jogos.

Tabela 5

Descrição das ideias do professor E

Perfil Pessoal	Perfil Profissional do Educador	Dados da Atuação Docente
Idade: 40 anos	Formação Docente Inicial: Licenciatura em Pedagogia	Período /Ano de Escolaridade em que atua: 1º ano de escolaridade no período intermediário
Sexo: feminino	Ano da Formação Inicial: 1991	Quantidade de alunos na turma: 30 alunos
Estado civil: casada	Tipo de Estabelecimento de Formação: Particular	
Cidade de Residência: Santos	Tempo de Atuação como Professor: 4 anos Tempo de Atuação no município: 3 anos	

A professora considera um desafio atuar numa turma de 1º ano, mas apesar disso, deseja continuar com esse trabalho no próximo ano letivo, ainda admite possuir dificuldades em virtude de ter recebido uma formação tradicional, sendo assim, sente-se limitada em usar jogos ou demais estratégias de aprendizagem. Os seus alunos solucionam problemas oralmente para, em seguida, representá-los por desenhos e sequências numéricas.

No resgate da sua ‘memória matemática’, a professora relembrou do ensino mecânico que recebeu e que até hoje não entende as regras que decorou e confessa que: “tenho dificuldade em

apreendê-las, pois o que aprendi foi mecânico e decorado [...] agora que estou dando aula tenho dificuldades porque não quero fazer igual, mas estou meio atrapalhada”. Assim, considera importante aprender antes de ensinar para os seus alunos e afirma que o programa a está ajudando, visto que está aprendendo diversas possibilidades de ensinar a matemática de maneira significativa para o aluno.

Tabela 6

Descrição das ideias do professor F

Perfil Pessoal	Perfil Profissional do Educador	Dados da Atuação Docente
Idade: 50 anos	Formação Docente Inicial: Magistério	Período /Ano de Escolaridade em que atua: 2º ano de escolaridade no período matutino
Sexo: feminino	Ano da Formação Inicial: 2001	
Estado civil: casada	Tipo de Estabelecimento de Formação: Particular	
Cidade de Residência: Santos	Tempo de Atuação como Professor: 13 anos	Quantidade de alunos na turma: 26 alunos
	Tempo de Atuação no município: 2 anos	

A professora descreve seu interesse pela alfabetização e os cuidados que tem em motivar as crianças na produção de textos curtos, apesar de reconhecer as dificuldades que algumas delas ainda apresentam. Em Matemática, declara que tenta levá-los a gostar da disciplina trabalhando com “materiais concretos, dedos e registros em folhas”. Além disso, relata que sua aprendizagem baseou-se na memorização e cita o ensino da tabuada através de competições na sala com os demais colegas. Confessa que: “Meu trauma era não compreender os problemas e sentia dificuldades em reconhecer qual era a operação para resolvê-los”.

As categorias das convergências observadas nas práticas escolares

Para fazermos a análise das narrativas feitas pelos professores alfabetizadores optou-se pela estratégia da observação de aula, na qual se pode verificar como as práticas relatadas no Diário Reflexivo estão acontecendo, ou seja, se há uma transposição didática. Para tanto, foram observados alguns itens que estão descritos na tabela abaixo:

Tabela 7

As categorias das convergências observadas nas práticas escolares

Categoria	Professor	Observação em sala de aula
Contexto físico da sala de aula: disposição do mobiliário	A	Mesas e cadeiras de duas em duas para formar duplas.
	B	Mesas e cadeiras de duas em duas para formar duplas.
	C	Mesas e cadeiras em fila, uma atrás da outra.
	D	Mesas e cadeiras em fila, uma atrás da outra.
	E	Mesas e cadeiras em fila, uma atrás da outra.
	F	Mesas e cadeiras em grupos de quatro.

Ambiente Alfabetizador em Matemática	A	Quadro numérico, gráfico de alturas e alfabeto.
	B	Quadro numérico, gráfico de medida, sequência numérica de 0 a 10, cantinho de leitura.
	C	Cantinho de leitura, silabário, quadro numérico, gráfico de aniversariantes, mural com banco de rimas.
	D	Alfabeto, silabário, quadro numérico, calendário móvel, sequência numérica de 0 a 9.
	E	Quadro numérico atrás da porta.
	F	Alfabeto, silabário, quadro numérico, cantinho de leitura.
Organização do trabalho Pedagógico: rotina	A	Na lousa tem a rotina que será desenvolvida no dia, bem como compartilha com os alunos as propostas de atividades.
	B	A professora compartilha e interage a todo momento com os alunos explicando como as atividades acontecerão.
	C	A rotina estabelecida é sempre iniciar a aula com uma oração e após, fazer um ditado de palavras. As demais atividades não são compartilhadas e são programadas de acordo com o momento.
	D	A professora não estipula a rotina com os alunos e deixa as atividades acontecerem de acordo com as necessidades da sala.
	E	A professora não utiliza uma sequência de atividades determinadas e não esclarece o que vai acontecer para os alunos.
	F	A rotina das atividades fica exposta na lousa, de modo que, separa a sala em turmas (grupo para jogos, duplas para reforço e atendimento individual para aluno incluso).
Atividade observada	A	<p>Aula de Matemática. A sala foi dividida em dois grupos. Um grupo fazia uma revisão de algumas questões aplicadas na avaliação e que não ficaram claras (conceitos), como forma de suprir as lacunas desses conceitos. E o outro grupo efetuava a avaliação de História e Geografia que não fizeram devido às faltas.</p> <p>A professora circulou pela sala o tempo todo, fazendo intervenções e compartilhando as dúvidas individuais com todos do grupo.</p>
	B	Momento inicial da aula. A professora estabelece a rotina do dia e abre um espaço para os alunos contarem um pouco do dia a dia vivido em casa (desabafos ou situações interessantes que queiram compartilhar). Em todos os momentos circula pela sala e faz intervenções nas falas dos alunos, solicitando que falem mais.
	C	Momento inicial da aula. A professora inicia fazendo a oração e em seguida solicita que escrevam no caderno o ditado de 10 palavras. Não circula pela sala e não faz intervenções.
	D	A professora estava sentada na mesa e os alunos realizavam exercícios no caderno (arme e efetue). Quando tinham dúvidas levantavam e iam olhar no caderno dos colegas. Em alguns

- momentos, a professora circulou pela sala para corrigir os cadernos.
- E Os alunos faziam a avaliação integrada de Língua Portuguesa e Matemática. A professora ficou sentada à sua mesa e quando os alunos tinham dúvida faziam uma fila para falar com ela, sendo que quando respondia a um aluno, os demais ficavam andando pela sala e copiavam as respostas uns dos outros.
- F A professora dividiu a sala em três grupos: um grupo jogava dominó como forma lúdica (brincar pelo brincar), outro grupo fazia exercícios no caderno para sistematizar o conhecimento aprendido e um grupo realizada uma avaliação que não foi feita no dia estipulado. A professora ficou sentada à mesa para atender um aluno com laudo de autismo e os demais grupos agiam sozinhos.
-

Considerações finais

Das observações realizadas até o momento e das narrativas efetuadas pelos professores tiramos algumas prévias conclusões que estão descritas a seguir.

A disposição física do mobiliário e a pouca ou má utilização dos materiais que poderiam tornar o ambiente alfabetizador em Matemática, bem como o agrupamento dos alunos (em filas), as tarefas solicitadas aos mesmos e as comandas descritas na lousa nos permitiu observar a opção metodológica dos professores. Muitas atividades solicitavam dos alunos respostas convencionais e de memorização.

Considerando os elementos presentes no instante da observação, como a situação atípica da baixa frequência dos alunos, o fato de ser a primeira visita das formadoras e a organização do espaço físico da sala; aquela fração de aula nos permitiu uma análise preliminar que será confirmada ou refutada no decorrer das futuras visitas de observação e na continuidade dos encontros de formação. A ação didática realizada nas salas de aula centrou-se em algumas professoras e aos alunos cabia a solução dos exercícios que a eles foram apresentados e, em Matemática, não notamos situações-problema que os desafiassem a procurar soluções. O desenvolvimento de sequências didáticas, como pontuado pelos professores nos seus diários reflexivos, também não foram observados nas suas práticas. A transposição didática do que é aprendido e vivenciado na formação continuada, bem como aquilo que é narrado nos diários dos professores, evidenciam a necessidade de retomadas e intervenções nas formações e no cotidiano docente.

As observações de aula realizadas e as descrições das práticas nos diários serviram para oportunizar diversos momentos nos encontros de formação para discutir, analisar e vivenciar situações matemáticas, algo que visa favorecer um repensar da prática docente através do diálogo sobre a ação dos professores. A partir da observação das aulas e do que os próprios professores escreveram em seus diários, os encontros foram sendo criados de maneira a proporcionar uma reflexão coletiva sobre o que acontecia na sala de aula em relação à rotina escolar, ao ambiente alfabetizador, às intervenções feitas nas ações dos alunos e à metodologia utilizada pelo professor. A discussão entre os pares mostrou que a reflexão sobre a ação é um longo caminho a ser percorrido.

No entanto, ressaltamos que até esse momento, o trabalho desenvolvido na formação não nos permite ainda, uma ampla ilação sobre o fazer-docente do professor. Como citado anteriormente, a pesquisa e o curso de formação estão em andamento, porém consideramos que a opção por esse caminho de ação-reflexão-ação nos conduzirá ao alcance dos objetivos pretendidos.

Referências e bibliografia

- Alarcão, Isabel (2011). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva* (8ª ed.). São Paulo: Cortez. Coleção questões da nossa época, v. 8.
- Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. (2012). Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa: formação de professores no pacto nacional pela alfabetização na idade certa / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB.
- Cereja, W. R. (2005). *Texto e interpretação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. São Paulo: Atual.
- Curi, E.(2000). *Formação de professores de Matemática: realidade presente e perspectivas futuras* (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes: uma estratégia de formação de professores* (4a ed.). Portugal: Porto Editora. 479p.
- Imbernón, F. (2010). *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed.
- Liberali, F. C. (1999). *O diário como ferramenta para a reflexão crítica* (Tese de Doutorado). São Paulo: PUC. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/Fernanda.pdf.
- Liberali, F. C. (2008). *Formação Crítica de educadores: questões fundamentais*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária.
- Martins, L. G. A. (2009). Observação como instrumento de trabalho. *Revista Avisala Lá*, 37. Disponível em <http://www.avisala.org.br/index.php/conteudo-por-edicoes/revista-avisala-37/observacao-como-instrumento-de-trabalho/>.
- Mendes, A. Nacarato, A. M., & Passos, C. M. L. (2009). *A matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender*. Belo Horizonte: Editora Autentica.
- Moraes, R. (2003). Uma Tempestade de luz: A Compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Revista Ciência & Educação*, 9(2), 191-211.
- Schön, D. A. (1992). *Formar professores como profissionais reflexivos*. In A. Nóvoa (Coord.), *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Silva, M. A (2013). *Escrita de diários reflexivos e avaliação formativa nas aulas de Língua Inglesa na Educação Básica: Um estudo de caso*. Universidade Federal de Uberlândia Anais do SILEL. 3(1). Uberlândia: EDUFU.
- Zabalza, M. A (2004). *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional* (Tradução Ernani Rosa). Porto Alegre: Artmed, 160p.